

UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DA CRÍTICA À OBRA LITERÁRIA DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

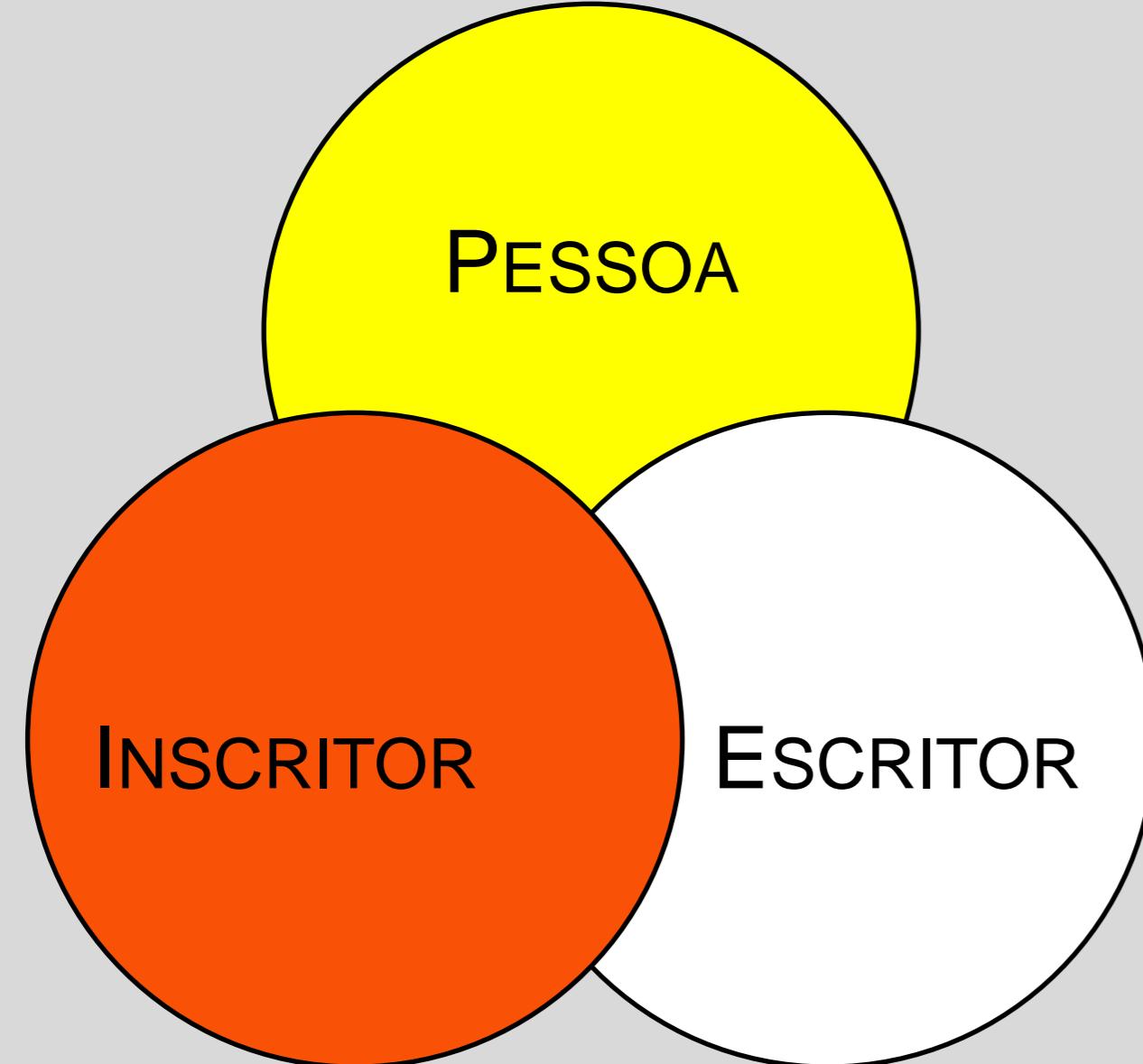
Maria Renata Casonato Motta renata-casonato@hotmail.com
Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado lucianasalazar@ufscar.br



PRÓ REITORIA
e pesquisa

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

PARATOPIA CRIADORA:



RITOS GENÉTICOS:

"Com certeza, não pretendo popularidade nenhuma com livro. Eu já tenho um público grande na música, não me vejo fazendo literatura para ser popular. Não faz sentido para mim. Eu procuro uma linguagem que é a que exatamente eu não encontro na música. Que é uma linguagem obrigatoriamente menos popular e acessível, é outra coisa".

Chico Buarque,
em entrevista ao programa Espaço Aberto em 1997.

OBJETIVOS

- A) Contribuir para os estudos do discurso literário, isto é, para os estudos que tomam o material literário em suas práticas específicas de produção e circulação;
- B) verificar a produtividade das noções de *paratopia criadora* e *ritos genéticos* ao estudar textos de crítica literária;
- C) buscar entender de que modo esses textos críticos produzem e afetam leituras/releituras que são feitas de uma dada obra literária construindo um lugar de autor;
- D) observar como as mídias impressas e eletrônicas se relacionam na construção de uma autoria de reconhecimento nacional e internacional.

METODOLOGIA

Faremos um levantamento de textos críticos sobre a produção do Chico Buarque que circularam nos meios impressos e eletrônicos entre os anos de 2003 e 2009.

O estudo será concentrado na crítica a duas obras literárias de Chico Buarque: *Leite Derramado* (publicado Companhia das Letras em 2009) e *Budapeste* (publicado também pela Companhia das Letras em 2003).

Com essa orientação, comporemos o arquivo de textos críticos (impressos e digitais) coletados. E, desse arquivo, serão eleitos os textos para análise detida, à luz do aporte teórico descrito na bibliografia.

CRÍTICA LITERÁRIA COLETADA

D4 | CADERNO 2 | SÁBADO, 28 DE MARÇO DE 2009 | ESTADO DE S.PAULO

LEITE DERRAMADO

Decadência familiar inspira o quarto romance de Chico

História do Brasil dos dois últimos séculos é pano de fundo para livro que consumiu mais de um ano na escrita

Ulisses Brasil

Em Janeiro, Chico Buarque descreveu a sua "peça final" na carreira: o quarto romance, que finalizou na quinta-feira de setembro de 2007 e que hoje é seu novo projeto. O que deve ser seu novo clássico? *Leite Derramado* (Companhia

dias 200 páginas, R\$ 18,90) é um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, a infância, os costumes, as crenças, as ideias, os sentimentos, os medos, os sonhos, ora em flashback, ora em conto, descrevendo personagens e situações que só o compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".

Sérgio Buarque de Hollanda, que é o pseudônimo do compositor que, ao ser premiado com o Oscar, conseguiu transformar em *Estória*, em 1992, faz questão de lembrar. "Agora, com 70 anos, é só o que tem de novo", diz. "Meu pai também ganhou um Oscar, mas só quando faleceu", responde.

Chico repudiou sumidões e clichês, mas não se privou de humor, nem concentrou-se no processo de escrita. "Foi um leito de hospital, revisita o próprio passado, o parentesco, o amor, o medo, o desejo, foi uma vezão", expõe o preceituador de forma que só o leitor pode perceber.

Quando levantou a hipótese de que havia escrito um romance, o editor Luiz Schwartz, da Companhia das Letras, comentou: "Sérgio sempre faz qualcosa de novo".